

“O Foot-ball de Moças está dando o que falar”¹

Festivais esportivos e o futebol das mulheres suburbanas do Rio de Janeiro (1929 a 1932)

“The women’s football is generating buzz”

Sports festivals and the suburban women’s football in Rio de Janeiro (1929 to 1932)

AIRA BONFIM

Aira Fernandes Bonfim é pesquisadora e historiadora do esporte, mestra pelo programa de História, Políticas e Bens Culturais do CPDOC-FGV-RJ, com pesquisas sobre a iniciação das brasileiras no futebol no início do século XX. Fez parte da equipe de implantação do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), em 2011, no Museu do Futebol, local onde atuou até 2018 como técnica pesquisadora. Foi co-curadora das exposições “Contra-Ataque! As Mulheres do Futebol”, em 2019, e “O Futebol e as Olimpíadas”, em 2016, ambas no Museu do Futebol, no estádio do Pacaembu.
airafbonfim@gmail.com

RESUMO: Este texto busca colocar em perspectiva as oportunidades e experiências de mulheres suburbanas do Rio de Janeiro que praticaram o futebol ao longo dos anos de 1929 a 1932. O período antecede o marco regulatório que impediu a organização do campo esportivo feminino no Brasil (1941). Com o passar do tempo, enquanto o futebol se popularizava, as jovens brasileiras aos poucos ocupavam eventos esportivos, especialmente os campos de futebol e as notícias locais registradas nos jornais esportivos. Em meio a um campo esportivo majoritariamente masculino, foi possível mapear os descolamentos, clubes e personagens que contribuíram com a história social das mulheres jogadoras.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Gênero. Futebol Feminino. Subúrbio. Rio de Janeiro.

ABSTRACT: This text offers a perspective of opportunities and experiences of suburban women from Rio de Janeiro who practiced the football throughout the years 1929 to 1932. The period preceding the regulatory that prevented the organization of the women's sports field in Brazil (1941). Over time, as football gained more popularity, the brazilian girls were slowly occupying sport events, especially at football grounds and the local sports reports in newspapers. In the middle of a sport's field predominantly masculine, was possible to map the detachments, clubs and characters that contributed to the social history of the female players.

KEYWORDS: Football. Gender. Women's Football. Suburb. Rio de Janeiro.

A materialidade dos fenômenos encontrados sobre a prática do futebol pelo público feminino no Brasil concentrou-se principalmente na década de 1930 e início de 1940 (MOURÃO; MOREL, 2005; FRANZINI 2005, MOURA, 2015; COSTA, 2017; ALMEIDA, 2017). Dito isso, esse texto se propõe a revelar episódios e localidades da cidade e do estado do Rio de Janeiro que acolheram essa prática corporal performada publicamente por mulheres.

Sob o status de Distrito Federal (1891 a 1960), o Rio de Janeiro, capital da república brasileira, era uma cidade que se expandia por uma malha geográfica extensa e complexa. Sob os signos de civilidade e modernidade, o futebol agitava esportivamente regiões centrais, bem como localidades mais distantes, a exemplo da zona norte da cidade ou o subúrbio carioca. Sob um cenário de novas perspectivas econômicas, o Rio forjava-se como o principal centro cultural, comercial e, porque não, esportivo do país.

Os episódios apresentados neste artigo revelam um panorama do envolvimento de mulheres residentes do subúrbio do Rio de Janeiro com a prática do futebol entre os anos de 1929 a 1932. Com o apoio das agremiações masculinas de futebol dessas regiões, bem como da imprensa da época, jogadoras percorreram diferentes bairros e até distritos do estado do Rio de Janeiro, apresentando publicamente o seu futebol em festividades esportivas que receberam os mais distintos públicos espectadores, a exemplo de políticos e importantes dirigentes esportivos da época.

Os inícios da década de 1930

Apesar de existirem evidências de iniciações femininas no futebol brasileiro desde 1915 (BONFIM, 2019), o período histórico oportunamente destacado nesse artigo oferece um conjunto volumoso de fontes que evidenciam o deslocamento e relacionamento esportivo entre jogadores e jogadoras suburbanos nessa época. A escolha por esse recorte também se baseia na necessidade de evidenciar episódios do futebol feminino circunscritos anos antes do impedimento atribuído às brasileiras para a prática de esportes considerados violentos e por isso impróprios à natureza delas pelo Conselho Nacional de Desportos em abril de 1941².

Apesar de se tratarem de narrativas reveladas em uma curta passagem de tempo de apenas 3 anos³, os endereços, personagens e partidas de futebol caracterizam a presença rara e reveladora da relação do público feminino com a prática do futebol no Brasil. O esforço em reunir narrativas

sobre elas, ensinam sobre a tentativa de organização do campo esportivo do futebol de mulheres no Brasil. Nesse sentido o texto apresenta uma primeira tentativa de organização e exposição dessas equipes frustradas logo após 1932, mas que retornaria com novo vigor em 1939, sendo o ano de 1940 definitivamente o de maior expansão dessa prática para o público do país.

Vale a pena destacar que o recorte cronológico apresentado nessa ocasião transita em um momento político de transformações significativas, que inclui o desde o segundo período da Primeira República Brasileira (1889 a 1930) como do primeiro mandato da ascensão do líder populista Getúlio Vargas, conhecido como governo provisório (1930 a 1934).

Se o campo político se modificava, o campo esportivo, mais precisamente do futebol masculino, também experimentava os anos de sua popularização em grande parte do mundo, incluindo o Brasil. O ano de 1930 marcou, por exemplo, a realização da primeira edição da Copa do Mundo, com a participação do Brasil, campeonato que passaria a ser organizado de quatro em quatro anos, quase ininterruptamente até o século XXI, tornando-se um dos mais conhecidos torneios mundiais de futebol até os dias de hoje.

Se o Brasil ainda não era reconhecido como o tal “país do futebol”, o continente americano por sua vez, já despertava a atenção mundial sobre a prática desse jogo em suas terras. Realizada na América do Sul, no Uruguai, entre os dias 13 a 30 de julho de 1930, a Copa do Mundo foi a competição inaugural da Federação Internacional de Futebol (FIFA). O país vizinho foi escolhido como sede uma vez que representava o coletivo de jogadores vencedores dos campeonatos de futebol nos Jogos Olímpicos de Verão de 1924 e 1928.

No entanto, a campanha de estreia do selecionado brasileiro de 1930 para o mundo, atíçou o entusiasmo do público doméstico, mas logo deixou a desejar: o Brasil estreou perdendo da Iugoslávia por 2 a 1 no dia 14, e conquistou uma vitória por 4 x 0 contra a Bolívia no estádio Centenário. A pontuação privilegiou a seleção da Iugoslávia no grupo, fato este que comprometeu a classificação do Brasil para as semifinais e o eliminou precocemente.

Classificado ou não, os burburinhos sobre qualquer futebol já estavam no cotidiano de qualquer pessoa.

Deu nos jornais

As narrativas que oportunamente contam as histórias de homens e mulheres praticante do futebol já em 1929, foram revelados em meio aos conteúdos

esportivos encontrados nas páginas de jornais da época. A cultura esportiva do Rio de Janeiro era coberta por diferentes veículos impressos que contribuíram tanto com a propagação de informações sobre as competições do selecionado nacional de futebol, como da movimentação dos principais clubes esportivos da cidade, sendo assim, a principal fonte de informações para historiadores e jornalistas que buscam conhecer as origens do futebol no país (HOLLANDA e MELO, 2012:15).

Essa pesquisa, por sua vez, ao debruçar-se sobre as mesmas fontes, filtrou notícias sobre a participação de jogadoras suburbanas destacadas nesses registros. Com interpretações próprias e por vezes identitárias, o chamado *futebol suburbano* ou *football-menor* já era há muitos anos fomentador de notícias e responsável pelo registro de histórias oriundas da zona norte do Rio de Janeiro. São contribuições que se somam com as narrativas esportivas existentes e visibilizam o protagonismo esportivo de agremiações, campos, jornalistas, jogadores, jogadoras e eventos originais dos arrabaldes do Rio de Janeiro.

Os periódicos cariocas consultados foram o *Jornal dos Sports*, *O Jornal*, *A Noite*, *O Imparcial*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias* e o *O Radical*. Com propostas e editoriais diferentes, cabe acentuar que o jornal é um tipo de documento que subsidia o pesquisador a aproximar-se da consciência dos homens e mulheres de sua época, porém, consciente que essas publicações não estão livres de opiniões críticas e omissões deliberadas, como bem colocou Camargo (1971:225). Reconhecemos aqui que essa categoria de fonte oferece uma perspectiva parcial e subjetiva da realidade, muitas vezes distorcida em razão da proximidade das pessoas com os fatos do dia a dia, além do seu comprometimento com tais assuntos.

Todavia, apesar dos desafios apresentados pelo trabalho com fontes impressas, tais evidências se apresentam como locais de registro, praticamente exclusivos, no reencontro e organização de episódios, personagens e locais da presença associativa de garotas em equipes de futebol. De acordo com o historiador Leonardo Pereira (1997), a imprensa escrita, com a popularização do futebol, não mais se limitará a cobrir exclusivamente os clubes elegantes, mas passará a traduzir o cotidiano de cada jogo, clube e campeonato de futebol das regiões descentralizadas. Pelos motivos destacados por Leonardo, o futebol feminino aos poucos revela novas histórias sobre o futebol carioca, como também sobre as histórias das próprias brasileiras.

O Subúrbio boleiro dos moços e moças

Deixando para trás sua feição de novidade, o futebol ia ganhando a marca de “um sport triunfante”, estando já assegurada “a vitória dos campos de foot-ball sobre os outros jogos” — em um sucesso assegurado pelo fato de que, por toda a cidade, os círculos que o praticavam não eram assim tão restritos quanto poderiam desejar muitos sportmen. (PEREIRA, 2000:56)

Os anos entre 1929 e 1932, privilegiados nesse texto, apresentam eventos esportivos seriados que vão contribuir com outra cena de maior regularidade e visibilidade desse futebol praticado por mulheres entre os anos de 1939 e 1940, fase áurea das equipes femininas suburbanas (BONFIM, 2019).

Mas antes de revelar a presença das moças dentro de campos, não há como prosseguir sem antes compreender as ideias em torno do significado de *subúrbio* no contexto da cidade do Rio de Janeiro daquela época. Nesse sentido, as definições geográficas compreendidas como subúrbio, ou seja, locais de distanciamento do centro, são demasiadamente simplistas e insuficientes para categorizar uma ideia sobre ‘o que é ser suburbano’.

Por outro lado, ser suburbana ou suburbano não compreendem um significado único. Essa palavra, por muitas vezes, conferiu um sentido homogeneizado à todos aqueles moradores pertencentes a identidade de “fora do centro”, fato questionável ao levar em conta o tamanho da extensão territorial do subúrbio e a diversidade de bairros e populações nesses locais. Por essa razão, constituídas de conjuntos sociais diversos e históricos polifônicos (SANTOS JÚNIOR e MELO 2014:195), o subúrbio se mostra oportunamente como uma possibilidade de encontro com práticas e atores por vezes pouco reconhecidos, e permitem por vezes pluralizar identidades recorrentemente cristalizadas pelo senso comum.

Os endereços encontrados ao longo dessa pesquisa revelaram campos de futebol, sedes sociais e festivais esportivos onde foram realizados certames entre homens e mulheres oriundos dos Subúrbio. Mais do que o início do mapeamento da ocupação feminina nos ambientes do lazer carioca realizados através do futebol, foco central desta investigação, as evidências ajudam a revelar que o futebol manifestava-se como um importante meio de sociabilidade e lazer das populações suburbanas do período, entre homens, bem como com mulheres.

O futebol das primeiras décadas do século XX apresentava-se como um importante elemento na construção de laços identitários e de sociabilidade à medida em que se popularizava e mobilizava novos públicos espectadores e de praticantes no subúrbio do Rio de Janeiro. Esse meio esportivo e de diversão também exacerbava conflitos simbólicos e tensionamentos sociais (SANTOS JUNIOR; MELO, 2014). Essa popularização do futebol nos arrabaldes da capital brasileira se deu à revelia do monopólio dos grupos mais abastados da sociedade carioca (PEREIRA, 2000:39), uma vez que apresentava relativa independência à aquisição de equipamentos esportivos, tais como bola e chuteiras, detalhe que fez desse esporte uma opção de lazer viável aos homens e mulheres com menor poder aquisitivo (SANTOS JUNIOR, 2017).

O Rio de Janeiro encontrava-se consideravelmente estratificado na década de 1930. A própria natureza geográfica da cidade, somada às especulações imobiliárias promovidas na passagem do século XIX para o XX, contribuíram para o crescimento irregular e tentacular das habitações, distanciando o local de trabalho e residência de uma camada considerável da população carioca, fato este que exigiu ao longo dos anos, deslocamentos cada vez maiores dessa força de trabalho (O'DONNELL, 2013).

A década de 1930 permitiu a realização de uma série de melhorias dos chamados subúrbios cariocas (ABREU, 1987) — apesar do núcleo metropolitano ainda ser o maior beneficiário das ações de investimento e qualificação do dinheiro público. O período ficou marcado por um tempo de concessão de subsídios aos serviços públicos, com destaque para a construção de conjuntos habitacionais por diversos órgãos do governo.

Esse espalhamento social viabilizado pela reorganização pelas possibilidades de moradias e transportes, confirmam a presença e deslocamentos entre atletas e agremiações por diferentes espaços de lazer disponíveis na malha dos trens e avenidas do Subúrbio. Esses trajetos, bem distantes dos ambientes requintados e esportivos da região central, apresentavam uma série de campos de futebol e sedes de associações de lazer, a exemplo de clubes esportivos e dançantes, cassinos e blocos de carnaval (BONFIM, 2019).

As linhas dos mapas cariocas nos servem de medida, ainda que subjetiva, para se observar uma região suburbana que iniciava-se na via férrea da Central do Brasil em direção à Baixada Fluminense, com recortes de bairros mais ou menos afastados do centro do Rio de Janeiro, a exemplo de São Cristóvão, Caju, Santo Cristo, até rincões como os bairros de Benfica, Engenho de Dentro, Cascadura, Realengo e Anchieta.

Mais uma vez, ao reiterar a polifonia das representações sobre as pessoas consideradas suburbanas nessa época, versa-se sobre um conjunto social composto pelo operariado da época, assim como suas famílias, assim como também de trabalhadores de uma nova classe média ligada ao comércio e ao serviço público carioca.

O campo de futebol de Engenho de Dentro – Engenho de Dentro Athletic Club

Ao prosseguirmos em direção das histórias boleiras suburbanas, esbarramos por um momento com o Engenho de Dentro Athletic Club, um dos clubes da zona norte que mais cedeu jogadores para o já conhecido Club de Regatas Vasco da Gama nas primeiras décadas do século XX.

Vale destacar que o clube do Vasco, pertencente a 1ª divisão da Liga Metropolitana, já havia sido relacionado à exibição pública de meninas jogadoras desde 1923⁴. Apresentadas como uma time composto por jovens torcedoras, as jogadoras do Sport Club Feminino Vasco da Gama chegaram a imitar o uniforme dos “camisas pretas”, nome popularizado entre os entusiastas do clube cruz maltino após a inédita conquista do campeonato carioca de 1923. Aquele mesmo ano marcou de forma inédita a rede de socialibilidade e associativismo esportivo em torno do Vasco e da comunidade portuguesa do Rio de Janeiro. O estádio de futebol pertencente ao Vasco da Gama, inaugurado em 21 de abril de 1927, bem como as programações que movimentavam seus associados e atletas, agitavam o bairro de São Januário, região circunscrita e avizinhada pelos bairros e clubes de futebol suburbanos.

Fundada em 3 de novembro de 1912, com o seu campo de futebol localizado na Avenida João Ribeiro, no bairro de Engenho de Dentro, a equipe masculina do Engenho de Dentro A. C. já havia sido tricampeã do principal torneio suburbano de 1916 e 1918. Esses episódios de destaque no meio esportivo foram responsáveis por significativas transformações envolvendo as contratações, transferências e pagamentos de jogadores em um cenário mais amplo do futebol carioca da época (MALAIA, 2010:205).

Nesse mesmo endereço do bairro de Engenho de Dentro aconteceram exibições pioneiras do futebol de mulheres nos festivais suburbanos da década de 1930. No dia 24 de junho de 1930, uma terça-feira de São João, realizou-se um festival junino para comemorar a inauguração das novas torres de iluminação do Engenho de Dentro Athletic Club⁵. Vale destacar que a

existência de luzes ao redor de um campo de futebol dinamiza ainda mais as possibilidades de ocupação do tempo livre para a prática esportiva em horário noturno.

A partida principal daquela noite ficou por conta de reconhecidas equipes visitantes como o Ypiranga Football Club, de Niterói, e o São Christóvão A. C. Entretanto, para a abertura dos festejos esportivos, não passou despercebida dos olhares curiosos a preliminar feminina de futebol entre as equipes formada pelo clube Brasil Suburbano Football Club. A agremiação apresentou dois conjuntos de jogadoras, um chamado de Brasil Suburbano e o outro de Equipe Lena Alves e terminou com o *score* de 1 a 0.

A festividade ainda contou com a exibição do confronto da segunda equipe do C. R. Vasco da Gama contra o time da casa, o Engenho de Dentro A. C. Apesar das poucas informações sobre o certame entre mulheres, foi possível identificar que aquele festival esportivo esteve repleto de público e contou a presença ilustre de Afrânio Costa⁶, presidente da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, a AMEA, e funcionário da Confederação Brasileira de Desportos, a CBD. Afrânio Costa foi o chefe da delegação brasileira de futebol durante a Copa do Mundo de 1930, e o evento de Engenho de Dentro aconteceu poucas semanas antes do início da Copa do Mundo em 13 de julho.

Episódios do *foot-ball feminino*, considerados até aquele momento como inéditos ou pouco conhecidos, foram lentamente despertando o interesse das associações esportivas dos subúrbios do Rio de Janeiro naquela época.⁷ A curiosidade envolvia não só a exibição da performance de jogadoras mulheres dentro de campo, mas bem como de um chamarisco para aumentar a presença de espectadores (e por vezes também pagantes) nos festivais esportivos suburbanos. Em um Festival Artístico-Sportivo beneficente de 1930, também promovido pelo Vasco da Gama, um combinado de atrizes circenses compôs um time misto de futebol para jogar uma partida de futebol contra o time masculino do Vasco no estádio de São Vanuário (BONFIM, 2019).

A inclusão do futebol feminino apresentava-se com uma novidade no roteiro das programações esportivas das agremiações suburbanas, no entanto, a ausência de outros registros contribuem com imprecisão de fatos semelhantes e comparativos, assim como de limites para as análises qualitativas dos episódios. Nesse sentido, verifica-se que só depois de um ano da exibição das jogadoras do Brasil Suburbano F. C. em Engenho de Dentro foram encontradas novas fontes que comprovam a presença de outras mulheres nos campos de futebol da cidade.

O Engenho de Dentro Athletic Club, em junho de 1931, organizou outro evento esportivo com a exibição de três jogos de futebol na sua programação: o primeiro entre o time da casa contra o segundo quadro do C. R. Vasco da Gama, outro das equipes femininas do Brasil Suburbano F. C. apresentadas como time Mme. Lena Alves e time Manoel Pereira e por último, uma peleja entre as equipes masculinas e principais do São Christóvão A. C. e o Ypiranga F. C., de Niterói.

A festa esportiva noturna dessa vez ocupou um espaço considerável na página da publicação do *Jornal dos Sports*, com o direito a destaque para uma foto posada das “*sportwomen*” das equipes do Brasil Suburbano F. C. como é possível observar na imagem abaixo.

FIGURA 1: Jogadoras do Brasil Suburbano Football Club durante o festival junino do Engenho de Dentro Athletic Club.



Fonte: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, p. 4, 23 jun. 1931.

Publicações como estas nos sugerem mais pistas sobre a prática do futebol entre as garotas suburbanas. Mesmo com textos curtos quando comparados aos espaços e conteúdos dedicados ao futebol masculino, o autor do registro revelou expectativas positivas a respeito da performance das jogadoras ao dizer que “devendo agradar o público, a exemplo do sucedido nas vezes precedentes”⁸. Em outras palavras, as partidas entre mulheres realizadas antes de junho de 1931 já haviam agradado ao público e confirmam a reincidência da aparição de mulheres dentro de campo.

Outra informação relevante diz respeito à origem das jogadoras ao dizer que “é a terceira exibição do association que vão fazer, em público, senhorinhas adeptas do *pavilhão* do gremio da Piedade”⁹. A palavra *pavilhão*, muito popular da época, refere-se a uma espécie de salão ou mesmo galpões que serviam de abrigo para atividades de lazer como apresentações teatrais, musicais, circenses, festas e até exibição de lutas organizadas por sociedades recreativas, esportivas, carnavalescas ou dançantes.

Outro dado valioso diz respeito a localidade original das jogadoras de futebol: o bairro de Piedade, na zona norte do Rio de Janeiro. As jovens retratadas pela foto do jornal compunham o ambiente de diversão do bairro de Piedade, subúrbio vizinho a Engenho de Dentro e não menos afetados pelos vínculos esportivos estabelecidos naquela região. Assim sendo, é possível suspeitar que o grêmio de Piedade fosse responsável por parte das ofertas do lazer daquela comunidade, como veremos a seguir.

As garotas de Piedade: Brasil Football Club (Brasil Suburbano F. C.)

O cenário suburbano privilegiado nesse item se passou no campo de futebol do próprio Brasil Football Club (ou Brasil Suburbano), equipe do bairro de Piedade, região vizinha a Engenho de Dentro. A equipe masculina do Brasil F. C. era recém-chegada à 2ª Divisão da AMEA e suspeita-se que teria acrescentado “Suburbano” em seu nome depois dessa filiação¹⁰.

O Brasil Suburbano foi o clube responsável pela organização de duas equipes femininas para o certame realizado no festival do campo do grêmio vizinho. O texto publicado pelo conhecido *Jornal dos Sports*¹¹, rememorou a partida entre garotas realizada no campo do Vasco, dois anos antes, em 1929, e referiu-se à exibição do futebol feminino daquela oportunidade, em 1931, como “êxito completo” e por essa razão “a dose deveria ser repetida”.

O festival esportivo que apresentou publicamente garotas jogando futebol em Piedade foi organizado por Tenório D’Albuquerque, o idealizador da ideia segundo os jornais. De acordo com Silva (2019:109), Tenório ocupava a função de redator chefe e também responsável pela seção de boxe do *Jornal dos Sports*. Nesse sentido, o jornal apresenta-se como um importante incentivador desse “novo” futebol, e responsável pela produção de notícias sobre a novidade.

Também merece atenção a escolha da manchete usada no texto sobre o festival: “Feminismo avança... Dois teams de senhoritas vão disputar um match de football”¹². Não há como precisar o envolvimento ou a relação dos grupos de jogadoras de Piedade com os movimentos feministas brasileiros da época. Porém, vale destacar que pouco depois de um ano publicação do *Jornal dos Sports*, conquistava-se o voto feminino no Brasil através do Decreto n. 21.176, incorporado à breve Constituição em 1934¹³.

A terceira onda feminista influenciou uma porção das mulheres brasileiras entre as décadas de 1920 e 1930, movimento que, para além do direito ao voto, reivindicou mais oportunidades de estudos e opções de trabalho para elas. Esse feminismo, por vezes classificado como burguês¹⁴ e presente nas ideias divulgadas por alguns periódicos feministas da época, sugerem a familiaridade do cronista esportivo do *Jornal dos Sports* com o termo “feminismo” na manchete sobre as mulheres jogadoras em 1931. A aplicação desse conceito sugere uma indagação a respeito da ocupação feminina do espaço do campo de futebol, local reiteradamente naturalizado na cultura dessa prática corporal como nata e exclusiva dos homens.

A experiência pública de um futebol protagonizado por mulheres era algo inusitado no campo esportivo suburbano. Exemplos como os das jogadoras de Piedade revelavam não só uma pequena mudança de costumes relacionadas ao lazer, mas também sobre as relações consideradas “normais” ou costumeiras entre homens e mulheres da época. Nesse sentido, cada evidência de um jogo entre equipes femininas corrobora com a escrita histórica e esportiva desse grupo social para além de uma assistência (como torcedoras e organizadoras dos eventos esportivos). Cada episódio revelado contribuiu com uma pequena dilatação das fronteiras de gênero sobre esse esporte e amplifica o conhecimento sobre o que entendemos sobre a história social do futebol brasileiro, bem como da história social das mulheres.

De volta ao bairro de Piedade, os meses posteriores a abril de 1931 seguiram com novas apresentações esportivas das equipes femininas de Mme. Helena Alves e time Mme. Aldino Macedo do clube Brasil Suburbano F. C. da

Rua Sá. Segundo a historiadora Silva (2019:111), o nome Helena referia-se a uma homenagem à Julieta Helena Alves, esposa de Alfredo José Alves, escrivão de polícia e secretário geral da agremiação Brasil Suburbano F. C. Julieta, apesar de não constar entre os nomes das jogadoras, de acordo com *O Jornal*¹⁵, compunha a equipe de organizadores dos festivais esportivos de Piedade.

Em 19 de maio, curiosamente, a partida entre moças ganhou status de centralidade no festival esportivo promovido pelo *Jornal dos Sports*¹⁶. De uma pequena nota curta, o entusiasmo com o futebol de mulheres ampliou aos poucos as áreas escritas dedicadas a esses embates. A descrição sobre aquele episódio de maio recebeu, por exemplo, o destaque com os primeiros nomes e apelidos de todas as jogadoras escaladas:

TIME MACEDO: Judith, Lourds, Aldema, Zinah, Fautinha, Cecy I, Cecy II, Lindalia, Clelia, Ruth e Dozinha; Time Lena Alves: Hilda I, Edith, Pequena, Oricéia, Lotti, Exeda, Hilda II, Helia, Olga, Antonieta e Margarida.¹⁷

Os textos encontrados durante o ano 1931 revelam o aperfeiçoamento da descrição dos eventos femininos nos campos suburbanos, apresentando, por exemplo, desde qualidades técnicas sobre o desempenho das partidas, como situações jocosas ou dignas de virarem notícias sobre esses certames. De natureza coletiva e de muito contato físico, o futebol praticado por mulheres também apresentará para o público situações de rivalidades, bons lances, destaques de artilharia e defesa e também uns “sururus” em campo.

Manchetes como “num match feminino houve pancada a valer”¹⁸ revelou o enfrentamento e brigas entre as garotas, fato que contribui com a desmistificação sobre ideias de docilidade e candura por vezes associadas como algo nato às mulheres. As práticas esportivas femininas, ao serem pouco reconhecidas pelo público da década de 1930, ao se aproximarem de gestualidades consideradas como viris, ou mesmo, masculinas ou masculinizantes, passam a colocar em xeque o fato aquele esporte ser ou não adequado para as patricias suburbanas.

O campo do bairro de São Lourenço, Niterói: Ypiranga Football Club

O mês de agosto de 1931 intensificou a agenda das equipes femininas de futebol do clube Brasil Suburbano. Mais uma vez elas participaram dos festejos

de inauguração da iluminação de outros dois campos: no dia 18, uma terça-feira, do Ypiranga Football Club do bairro de São Lourenço, em Niterói, e outro no dia 22, sábado, do clube do River Football Club, também de Piedade, na cidade do Rio de Janeiro.

Na cidade de Niterói, com as atividades esportivas com início previsto para às 18 horas, a primeira partida contou com a presença dos segundos quadros da equipe da casa, o Ypiranga F. C. contra o Byron Football Club¹⁹, também de Niterói. Na sequência, às 19 horas e 30 minutos, aconteceu a partida entre as jogadoras das equipes formadas pelo Brasil Suburbano F. C..

O evento final e principal das festividades, ficou a cargo do time principal da região, o Ypiranga F. C. O grêmio jogou contra a conhecida equipe do São Christóvão A. C., que assim como o Vasco, eram times masculinos de prestígio e ao mesmo tempo costumeiramente presentes em eventos organizados por equipes suburbanas. O festival ainda ofereceu aos seus participantes a apresentação musical da Banda Lusitana e do Patronato de Menores.²⁰

Mais uma vez, além dos cronistas, o evento contou a presença de importantes autoridades das instituições esportivas, como os presidentes da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA). Também compareceu o coronel Ferreira de Aguiar, do Conselho de Julgamentos da CBD, além de autoridades municipais e estaduais.

Alguns dias após o evento niteroiense, o *Jornal dos Sports* divulgava o interesse do clube do Ypiranga F. C. em organizar o seu próprio quadro de garotas que “estreará brevemente e enfrentará outros team de moças da cidade de Nictheroy”²¹. A novidade do futebol entre mulheres despertava os interesses das outras cidades...

De volta para Piedade: River Football Club

Quatro dias mais tarde à apresentação das equipes de futebol feminino na cidade de Niterói, foi outro distinto clube de futebol suburbano que organizou um festival para a inauguração da iluminação do seu campo de futebol. O River Football Club, repetindo a dose, convidou mais uma vez as jogadoras do próprio bairro para apresentarem o seu futebol publicamente.

O River F. C. tinha na época a sua sede social na Rua João Pinheiro, no bairro de Piedade, mesma localidade das equipes femininas de futebol formadas pelo Brasil Football Club. A equipe havia sido fundada no dia 23 de

junho de 1914, por um grupo de ex-alunos do Colégio Salesiano de Niterói, e anos antes, em 1923 e 1924, o clube havia disputado a primeira divisão do Campeonato Carioca.²²

O festival noturno do River F. C., além de apresentar quadros femininos naquela ocasião, contou com a exibição dos *associations* masculinos do Ypiranga F. C. contra o clube Carioca F. C., time do bairro da Gávea. Além dessas equipes, o evento ainda demonstrou um bom futebol com os reconhecidos Botafogo Futebol Clube e o América Football Club²³.

FIGURA 2: Equipes femininas do Brasil Suburbano Football Clube durante o festival de inauguração da iluminação do campo do River F. C..



Fonte: *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, p. 2, 02 set. 1931.

O evento promovido pelo River F. C. ganhou meia página com registros fotográficos nos jornais da época, fontes que além de raras, oferecem subsídios visuais que nos ajudam a refletir melhor sobre as equipes femininas que atuaram nos episódios supracitados. As imagens publicadas pela imprensa esportiva nos permitem destacar, por exemplo, que um time de futebol completo de garotas foi mobilizado na ocasião, com exatamente 11 jogadoras na imagem do time feminino posado.

Há também identificações cromáticas reveladas na diferenciação dos uniformes, inclusive com destaques para as garotas que provavelmente atuaram como goleiras. Ainda sobre os fardamentos, encontramos, por exemplo, o uso de uniformes padronizados, não só nas suas tonalidades,

como também nos detalhes dos bordados dos brasões, assim como a presença de acessórios vestuários caracteristicamente esportivos como os cadarços nas golas das camisas.

Enquanto uma das equipes femininas usava uma espécie de bermuda, na altura dos joelhos, o outro time se apresentava usando saias. Seus “trajes esportivos” adaptados, equiparam-se ao das meninas que corriam e brincavam nas festas esportivas já nas primeiras décadas do século XX.²⁴ E no que se refere a idade, nos cabe também reconhecer que estão retratadas entre as jogadoras meninas majoritariamente adolescentes e jovens.

Outra significativa evidência presente nas fotografias publicadas refere-se a presença de pelo menos cinco garotas negras na composição de uma dessas equipes suburbanas. Na imagem do festival junino do Engenho de Dentro Athletic Club, pelo menos uma jogadora negra pode ser facilmente reconhecida. A divulgação nos jornais do festival esportivo realizado pelo River F. C. ofereceu ainda mais visibilidade aos episódios e qualificou os textos e registros fotográficos sobre o assunto. Possivelmente por essa razão, novos convites e desconfianças surgiram no futuro próximo.

“Já foi o tempo em que nossas patrícias não queriam saber dos sports”²⁵

A repercussão midiática do futebol feminino já era uma realidade. Depois de atenderem a um convite de apresentação no festival do clube Oriente Atlético Clube, agremiação do bairro de Santa Cruz²⁶, localizado na zona oeste do Rio de Janeiro, as jogadoras de Piedade continuaram recebendo convites em 1931, e por vezes em campos distantes da zona norte do Rio.

Podemos citar outro deslocamento para a região central da capital, em São Cristóvão, mais precisamente no campo da Associação Beneficente dos Empregados da Light, a ABEL. O grupo convidou os teams femininos do Madame Helena Alves e Team Manoel Pereira, ambos do Brasil Suburbano F. C., para se enfrentarem e dessa maneira comporem a programação de seu festival esportivo. O campo da ABEL já acolhia práticas esportivas entre as categorias de classes de seus dirigentes, empresários e trabalhadores²⁷.

A ocasião festiva e esportiva promovida pela ABEL comungou com as comemorações dos 10 anos do *Jornal do Brasil* e, contou com quatro partidas de futebol que apresentaram diferentes combinados de jogadores e equipes do “futebol menor”, como eram denominados os times que competiam fora

das principais ligas da época. O embate feminino daquela ocasião terminou em 0 a 0.

“O association está empolgando as nossas patricias”, manchete escolhida pelo *Jornal dos Sports* anunciava mais um episódio da boleiragem feminina no Rio de Janeiro. O futebol que se popularizava, inevitavelmente contagiava as *patricias* fazendo-as sair das arquibancadas e experimentar o futebol de dentro dos campos. A coluna esportiva mais uma vez divulgava a realização de um festival promovido por funcionários da imprensa, e nesse caso, do conhecido *Jornal do Commercio*.

O time *Jornal do Commercio F. C.* havia sido organizado para competir na Liga Graphica de Sports²⁸, que reunia outros times de futebol oriundos de trabalhadores de jornais e gráficas cariocas, como o Sport Club Pimenta de Mello, A Noite Football Club e Papelaria União. Todavia, como mencionou o jornal, “numa época como a actual, em que ninguém dá no couro, é tempo dos barbados affluirem ao citado local para ver no que se refere ao football, o que as sympaticas jogadoras podem fazer por elles...”²⁹.

O tom de convocatória e propaganda percorreu o tom do texto publicado pelo *Jornal dos Sports*. Um verdadeiro convite à novidade esportiva representada pelo futebol feminino, e ao mesmo tempo com uma tentativa jocosa ao desqualificar as equipes masculinas da época. Ao referir-se aos atletas que não “dão no coro”, a crítica ensejava sobre a necessidade de uma novidade no meio esportivo do futebol.

Os eventos citados também apresentam publicamente encontros de equipes masculinas menos conhecidas nos circuitos de campeonatos organizados pelas conhecidas ligas esportivas do Rio de Janeiro, da AMEA a Liga Suburbana. Esse fato nos permite constatar que o futebol, nesse caso específico, recorre a uma prática de lazer que flerta com momentos de confraternização de trabalhadores em seu horário livre, e que apesar de organizados por uma liga própria, das empresas gráficas, comungam dentro de um contexto de maior sociabilidade.

Outros trechos do texto também refletem e descortinam episódios da participação feminina na prática do futebol na cidade do Rio de Janeiro:

“Já foi o tempo em que nossas patricias não queriam saber dos sports (...)

Até o football logrou em prender a atenção da mulher carioca!

Vários encontros do violento sport bretão já se realizaram nessa capital.

Amanhã vamos ter a repetição da dose (...). ”³⁰

Como pontualmente comprovado ao longo desse artigo, o futebol aos poucos ocupava as práticas de lazer das moçoilas da capital em repetidas e repetidas doses...

Tem futebol de moças em Andaraí: Sport Club Verdun

Curiosamente, apesar da sequência de aparições de jogos entre garotas de Piedade nas referidas praças esportivas, as notícias sobre o futebol praticado por mulheres se rarefazem a partir de 1932. O próprio *Jornal dos Sports*, importante promotor dessas divulgações, mencionará só mais um encontro esportivo realizado no próprio campo do Brasil Suburbano em janeiro e sem maiores detalhes sobre o evento³¹. No entanto, ao observarmos outros periódicos, destacamos possivelmente uma das últimas notícias sobre os “teams” do clube Brasil Suburbano F. C do bairro de Piedade.

A partida feminina publicada pelo *Jornal do Brasil*³² foi realizada no festival esportivo beneficente promovido pelo grêmio do Sport Club Verdun³³, um pequeno clube do bairro do Andaraí, localizado na área operária próxima a Fábrica Cruzeiro, perto do Largo do Verdun. A sua sede social na Rua Barão de Mesquita n. 46 era reconhecida como uma casa de diversões e movimentou associados para batalhas de confetes, apresentações artísticas, festas juninas, cordões de carnaval e bailes a fantasias ao som de *jazz-bands*, eventos que beneficiavam os cofres e consequentemente os projetos da agremiação esportiva.

O campo do Sport Club Verdun da rua Ferreira Pontes n. 101 de Andaraí contou com a criação de uma equipe feminina própria para competir nas festividades de janeiro e foi apresentada como Legião Feminina Cecy de Barros.³⁴ A já conhecida Legião Feminina Helena Alves, do Brasil Suburbano F. C. de Piedade, seria a oponente à altura para a exibição da 4a prova de futebol da programação esportiva organizada pelo Verdun.

O jogo marcado para às 18h30, teve como homenageados o presidente Sr. Walfredo Machado dos Santos, assim como o jornal *O Globo* (as partidas masculinas daquele evento também homenagearam o *Mundo Sportivo*, *Jornal dos Sports* e *Diário da Noite*). Também houve apresentação do chorista Palito e o acesso ao evento custou 1\$ com direito a uma tômbola.

A nova equipe feminina forjada no bairro de Andaraí, de acordo com o *Diário da Noite*³⁵, havia sido criada uma semana antes, durante o festival do S. C. Verdun em comemoração da eleição de sua nova diretoria de 1932.

Apesar da ausência de registros sobre novas aparições femininas em campo, meses depois, ainda no ano de 1932 o Sport Club Verdun organizou um campeonato de futebol chamado *taça Jornal dos Sports*, com uma eliminatória incluindo diferentes equipes masculinas suburbanas como Japoema F. C., Filhos do Igarassú F. C., Preto e Branco F. C. e Sparta F. C..

A presença feminina nessas festividades já podia ser comprovada graças a divulgação de concursos de como o da “mais bella torcedora em campo” promovido na ocasião.³⁶

Enfim, a eloquente demonstração das senhoritas de Piedade

Mesmo com a interrupção de notícias sobre o futebol das moças pelo *Jornal dos Sports*, o *Diário da Noite* reservou um texto em 25 de janeiro de 1932 para comentar sobre o festival realizado no campo do Brasil Suburbano, de Piedade. Mais uma vez, a divulgação elogiosa do futebol praticado pelo *teams* de moças suburbanas chamam a atenção:

“Esta prova [futebol de mulheres] foi o ‘clu’ do festival” (...) “Compostos de senhoritas, fizeram uma eloquente demonstração de que já vão longe os tempos em que mulher foi ‘parte fraca’... O juiz que não actuasse corretamente e depois diria qual o sexo mais forte...”³⁷

As descrições do jogo revelaram a realização de dois tempos de duração divididos em vinte minutos cada, além da participação de 22 jogadoras. Também houveram destaques nominais e descritivos técnicos sobre as performances em campo das zagueiras Carmen e Margarida, a ponta esquerda, Fautina, a arqueira, Sarah e sobre a centro média, Filhinha.

A partida feminina iniciada no intervalo do jogo masculino entre os grêmios Astrallo e Auto-Mercantil, encerrou com a vitória no score de 1 a 0 do Combinado Manoel Pereira contra outro combinado feminino chamado de Clotilde Aguiar. As mudanças de nomes dos “combinados” a cada apresentação, sugerem mudanças na composição das equipes a cada oportunidade pública.

O *Diário da Noite* mais uma vez ofereceu imagens fotográficas que contribuíram com o encontro de novas evidências imagéticas do futebol praticado entre as brasileiras na década de 1930. Destacada a raridade dessas

fontes, o documento reforça mais uma vez através da imagem, a presença de garotas jovens e também negras na composição desses coletivos.

FIGURA 3: Times feminino do Manoel Pereira e Clotilde Aguiar no campo do Brasil Suburbano F. C..



Fonte: *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, p. 15, 25 jan. 1932.

É pertinente destacar que a história do futebol praticado por mulheres desse período está sujeita aos raros encontros com registros, textuais e fotográficos, produzidos pela imprensa esportiva. No entanto, esse recorrodo histórico sobre os episódios femininos nos permite precisar que mais do que observadores passivos dos eventos protagonizados por elas, houve significativo envolvimento dos atores da imprensa nessas festividades: divulgando, comunicando e participando. Também foram eventos que recorrentemente contaram com a presença de diferentes autoridades, tanto políticas, como esportivas, a exemplo da AMEA e CBD. Esta constatação corrobora com um certo *status* de prestígio atribuídos a esses personagens e consequentemente, aos eventos esportivos.

Também notou-se que foram oportunidades que contaram com a presença de equipes masculinas reconhecidas do meio futebolístico da época, a exemplo do C. R. Vasco da Gama, São Christóvão A. C. e América F. C. Em suma, esses jogadores dividiram diferentes campos de futebol do Rio de Janeiro como de Niterói, com as mulheres. Nesse sentido, a presença dos clubes como de atletas reconhecidos, contribuíam substancialmente com ainda mais prestígio aos festivais, somados à facilidade de venda de ingressos e a presença significativa de público nesses espaços. Também não há como desconsiderar a responsabilidade dos clubes na iniciação esportiva (inclusive de garotas) e na promoção de programações atléticas entre os moradores e associados de bairros da zona norte do Rio de Janeiro.

O futebol que se desenvolveu nas malhas da cidade carioca, denominado já naquela época como *futebol suburbano* ou *futebol menor*, oferece uma oferta significativa de registros realizados pela imprensa, fontes privilegiadas para uma organização historiográfica dos clubes e agremiações dos arrabaldes do Rio de Janeiro. Muitos dos clubes suburbanos conhecidos pelo vigor dentro de campo, eram capazes de competirem com equipes das principais ligas da época, como a 1ª e 2ª divisões da AMEA — seus principais modelos (MENDES, 2013:119). Entretanto, nota-se também o desencadeamento cada vez mais visível de grêmios que renunciaram ao modelo de competitividade proposto pelas ligas, e revitalizam outros valores tangíveis ao futebol, como é o caso da *invencibilidade de jogos* (BONFIM, 2019).

E se o futebol se dinamiza entre os diferentes atores dos terrenos suburbanos, o seu modelo de organização e exposição também passa por alinhamentos próprios, de acordo com as composições de seus dirigentes e agremiações. Mendes (2013:110–111) recorda que foi a partir do final da década de 1920, e principalmente no início de 1930, que os festivais esportivos

ganharam maior identificação e centralidade nas programações do futebol praticado nos Subúrbio. Esses encontros em torno das partidas de futebol cada vez mais se caracterizavam por serem torneios com a duração de fins de semanas inteiros, ou de um único dia, repletos de uma programação de lazer.

Entre terrenos e histórias suburbanas, as agremiações de futebol se fizeram presente dentro de constituições históricas mais amplas e complexas que o campo esportivo, cadenciadas por programações de cunho artístico e cultural ensejadas por um circuito da diversão da época. Fora do burburinho mobilizado pelas grandes ligas e clubes cariocas, quase como uma brincadeira, uma prática pouco levada a sério e relevante, meninas despontam nas programações originariamente masculinas do futebol dando início as primeiras provocações públicas de mulheres que também se interessavam em estar dentro do campo (esportivo) jogando!

Notas

1 **Crítica**, Rio de Janeiro, p. 4, 17 mai. 1929.

2 O parágrafo do decreto-lei alterou a estrutura da organização desportiva brasileira, e no seu item 54 mencionou a incompatibilidade da natureza dos corpos femininos como justificativa da proibição de algumas práticas esportivas por mulheres.

3 Aqui destacado as dissertações defendidas de BONFIM (2019) e SILVA (2019), ambas dedicadas a encontrar e revelar um número significativo de fontes sobre mulheres que jogaram futebol na imprensa da década de 1930. Vale relembrar que a imprensa escrita registrou com assiduidade o crescimento da prática masculina do futebol no Brasil, sendo a principal fonte de informações para historiadores e jornalistas que buscam as origens do futebol no país.

4 **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, p. 16, 01 set. 1923 e **Careta**, Rio de Janeiro, p. 16, 01 set. 1923.

5 **A Esquerda**, Rio de Janeiro, p. 5, 24 jun. 1930.

6 Afrânio Antônio da Costa (1892-1979) também foi o primeiro esportista a ganhar uma medalha para o Brasil em uma Olimpíada, mais precisamente nos Jogos Olímpicos da Antuérpia, em 1920, na categoria de tiro livre (prata) e uma segunda medalha (bronze), na competição por equipes. Foi um atleta patrocinado e representante do Fluminense Football Club nos campeonatos regionais da época.

7 Vale também destacar que os episódios esportivos femininos narrados aconteceram no ano seguinte à apresentação da partida beneficente disputada por garotas no Estádio das Laranjeiras. Nesse episódio de maio de 1929, as jogadoras usaram os uniformes do Club de Regatas Vasco da Gama e do São Christovão Athletic Club durante preliminar do jogo entre os times masculinos de São Christovão A. C. e Bangu A. C..

8 **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 4, 23 jun. 1931.

9 Idem.

10 Era comum nesse período que clubes e associações esportivas mudassem o seu nome de fundação após a submissão

à algum tipo de filiação em ligas. Esse controle, além de evitar repetições de nomes em alguns momentos específicos da história, regulamentaram a adoção de termos estrangeiros assim como de nomes que denotassem algum valor impróprio, como por exemplo a exaltação a jogos de azar.

11 “O feminismo avança... Dois teams de senhoritas vão disputar um match de football”. In: **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 2, 22 abr. 1931.

12 **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 2, 22 abr. 1931.

13 Criada em 1922 no Brasil, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, sob a liderança de Bertha Lutz (1894-1976), foi a principal responsável pela condução da luta sufragista através de suas diversas filiais espalhadas por todo o país.

14 No que diz respeito às mulheres feministas presentes em outros status sociais do Rio de Janeiro, vale destacar o surgimento de movimentos anarco-feministas, com propostas voltadas à classe operária em ascensão na época, que, com divagações mais libertárias, reivindicavam entre outras coisas a maior representatividade feminina também nesses locais (DUARTE, 2003).

15 **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 10, abr. 1931. Apud SILVA (2019:111).

16 “Festival do Brasil F. C. Dois teams de moças na prova principal”. In: **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 4, 03 mai. 1931.

17 **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 4, 19 mai. 1931.

18 Idem.

19 Byron Football Club é uma agremiação esportiva de Niterói fundada no bairro do Barreto em 1913.

20 **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 4, 18 ago. 1931.

21 **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 2, 02 set. 1931.

22 O River F. C. também disputaria a primeira Divisão do Campeonato Carioca em 1933 e 1934.

23 **A Batalha**, Rio de Janeiro, p. 7, 22 ago. 1931; **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 4, 22 ago. 1931.

24 Para saber mais sobre as festas sportivas pesquisar o capítulo 1 dedicado ao tema em Bonfim (2019).

- 25 “O association está empolgando as nossas patricias”. In: **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 3, 28 nov. 1931.
- 26 **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 3, 04 set. 1931.
- 27 **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 7, 08 set. 1931.
- 28 O Jornal do Commercio F. C. chegou a ingressar na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres em 1928 e disputou o Campeonato Carioca com outras agremiações suburbanas. Entretanto, a sua melhor participação foi na edição de 1931, ao conquistar o terceiro lugar, atrás do campeão Oriente Atlético Clube e do Sportivo Santa Cruz. No final da década de 1930 a equipe do jornal do Commercio teve seu campo de futebol comprado pela Leopoldina Railway Athletic Association.
- 29 **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 3, 28 nov. 1931.
- 30 Idem.
- 31 “A vespéral de hoje no Brasil Suburbano”. In: **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 2, 24 jan. 1932.
- 32 **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 18, 29 jan. 1932.
- 33 O Sport Club Verdun foi fundado em 20 de outubro de 1929 por Amadeu Alves Merlindo, funcionário da fábrica Companhia América Fabril e outros rapazes motoristas do Largo Verdun. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 17 out. 1929.
- 34 **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 18, 24 jan. 1932.
- 35 **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 15, 25 jan. 1932.
- 36 **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 3, 14 abr. 1932.
- 37 **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 15, 25 jan. 1932.

Referências bibliográficas

- ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2010.
- ALMEIDA, Caroline Soares de. “Mulheres futebolistas”. Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro. In: **Lusotopie**, v. 18, n. 1, pp. 95-118, 2019.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos**

- e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**, 2019, Dissertação – Mestrado em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Rio de Janeiro, 2019.
- CARDOSO, Claudia Pons. **Outras falas: Feminismos na perspectiva de Mulheres Negras Brasileiras**. Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Bahia, Salvador, 2012.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. “A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador”. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Lígia Coelho (Orgs.). **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. São Paulo: Humanitas; CAPES, 2015. pp. 114-136.
- COSTA, Leda Maria. “O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980”. In: **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, n. 13, pp. 493-507, 2017.
- DUARTE, Constância Lima. “Feminismo e literatura no Brasil”. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, pp. 151-172, 2003.
- ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. **Futbolera: a history of women and sports in Latin America**. Austin: University of Texas Press, 2019.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. In: **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, pp. 143-151, 2005.
- HOLLANDA, Bernardo; MELO, Victor Andrade de. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012.
- LOPES, José Sergio Leite. “A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro”. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 22, pp. 64-83, out. 1994.
- MALAIA, João Malaia. **Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**, 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São

Paulo, São Paulo, 2010.

MALAIÁ, João Manuel. “Rio de Janeiro, meios de transporte e a dinâmica do futebol: a ocupação do espaço pelos clubes e ligas cariocas na Primeira República”. In: **Espaço e Economia — Revista Brasileira de Geografia Econômica**, Rio de Janeiro, n. 2, 2013.

MANHÃES, Eduardo Dias. **Política de esportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 2086.

MELO, Victor Andrade de. “Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson”. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, pp. 9-19, 2001.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. “As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo”. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 26, n. 2, pp. 76-83, 2005.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Negociações impressas: a imprensa comercial e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República”. In: **Revista História**, Franca-SP, v. 35, 2016.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: a massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto”. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 14, pp. 231-241, 1997.

PEREIRA, Leonardo A. Miranda. “O Prazer das Morenas: bailes, ritmos e identidades nos clubes dançantes da Primeira República”. In: **Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de

Janeiro: Apicuri, 2010.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. **A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)**, 2012. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge; MELO, Victor Andrade. “Recrear, instruir e advogar os interesses suburbanos: posicionamentos sobre o futebol na Gazeta Suburbana e no Bangú-Jornal (1918-1920)”. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, pp. 191-211, jan.-mar. 2014.

SILVA, Diana Mendes Machado da. **A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)**, 2013. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, Kelen Katia Prates. **O jogo das letras: práticas esportivas e futebol de mulheres nas páginas do Jornal dos Sports (1931-1941)**, 2019. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

Referências das Fontes de Pesquisa

HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL
<<https://bndigital.bn.gov.br>>

Recebido em: 21/05/2020

Aprovado em: 13/07/2020